

Por isso, precisamos de presidentes que tenham a clareza, a estatura e a autonomia que tem Hugo Chávez e Fidel Castro para dizer: aqui não entrarão, aqui não passarão e queremos ter uma relação decente com os Estados Unidos.

P- A pressão popular pode fazer com que o Obama retire mais cedo as tropas do Iraque e também crie um caldo de pressão para que ele responda de forma mais rápida as demandas internas?

R- A crise atual não se resume aos bancos. É uma crise das empresas que afetou todo o sistema de hipotecas, o sistema financeiro, o sistema de crédito, o sistema comercial e industrial, afetou violentamente o estado. Por isso, é uma crise econômica muito grave. Portanto, que a maioria vote é uma coisa. O que aconteceu é que os sindicatos e as organizações populares estão estraçalhadas nos Estados Unidos, não há organização política. Então, que uma vontade de mudança se manifeste eleitoralmente é compreensível. Que se traduza em ação política e pressão organizada é outra coisa, completamente



diferente. No próprio discurso pós-eleição, o Obama já disse que vai tomar medidas que não vão agradar ao povo. Ou seja, o sistema político nos Estados Unidos está blindado. Não ocorreu uma revolução popular nos Estados Unidos: é o velho sistema funcionando.

P- Qual a repercussão dessa crise econômica para a América Latina e para o Brasil?

R- No Brasil vai ser devastadora. Vai ser devastadora porque a economia mundial vai entrar numa fase de recessão aguda. Isso significa que o modelo que foi adotado na América Latina, especialmente no Brasil, que era voltado para fora, encontra um grande obstáculo: esse é o primeiro aspecto. Segundo, aqui dentro se criou uma liberalização da conta de capitais, a possibilidade de as empresas exportadoras, as empresas de capital produtivo especularem com o câmbio. Então, tem 400 empresas penduradas. Mesmo a fusão do Unibanco com o Itaú é levada pelos problemas sérios de finanças do Unibanco e mais a retirada das contas dos dois bancos. Então tem uma ameaça seríssima no setor financeiro.

P- O sr. pode explicar essa questão da

retirada das contas?

R- Sim. Um grande número de empresas começou a liquidar as suas contas nesses bancos e transferir o dinheiro para fora. Os empresários hoje podem transferir o dinheiro para fora através de uma liberalização absurda que foi feita durante o governo do Fernando Henrique Cardoso, quando o Gustavo Franco era o presidente do Banco Central e que foi consolidada quando o (Henrique) Meirelles chegou. Os exportadores não têm cobertura cambial. Quer dizer que um exportador aqui de Caxias do Sul exporta e não precisa internalizar os dólares. Antes, a cada 20 dias tinha que internalizar, aí o Gustavo Franco passou para 180 dias, depois para 360 dias. Quer dizer na prática quase não precisa internalizar. O que isso significa? Esse empresário fica olhando esse dinheiro lá fora, esses milhões, e fica especulando o câmbio, vendo quando o câmbio vai subir ou baixar para internalizar. Então, os exportadores agora entraram num esquema de especulação do câmbio. A Aracruz e a Votorantim, a Sadia perderam, mas não foram somente elas. Tem 400 empresas nessa situação. Então, eles estão montando uma situação que os empresários querem pegar os US\$ 170 bilhões de reserva, (tinha 200), trinta já foram queimados; a reserva federal deu mais trinta, o Fundo Monetário deu mais trinta e é claro que a elite brasileira, os empresários, os banqueiros estão de olho nesse dinheiro. E a grande questão é como eles vão pegar esse dinheiro e mandar esse dinheiro para fora. E depois, austeridade sobre nós. É o que o Paulo Bernardo já está falando: contingenciamento, revisão do orçamento, suspensão do reajuste dos funcionários públicos. Portanto, a crise é violentíssima e vai se manifestar no Brasil sob a forma de desvalorização acentuada da moeda, chuva de capitais, endividamento externo e austeridade sobre o povo.

P- A quantidade de reservas é insuficiente?

R- Absolutamente insuficiente. A experiência mostrou nos dias 11, 12 e 13 de janeiro de 1999 quando US\$ 70 bilhões se queimaram em um espaço de 12 dias. A saída é uma mudança radical na política econômica, controle de câmbio, grande parte de estatização do sistema bancário, impedir a liberalização da conta de capitais e que assim não saia um dólar do país.

P- Na entrevista do prof. (Luiz Gonzaga) Beluzzo à agência Carta Maior, ele defendeu a questão do controle do câmbio.

R- É, mas o Beluzzo não presta. Porque

ele ajudou a criar este negócio. Ele é um dos que ajudou a criar 'essa coisa' de maneira comportada como tu podes ler na (revista) *Carta Capital* os artigos bem comportados dele. Mas, o que aconteceu foi o seguinte: nos anos 80 e 90 aconteceu uma aproximação entre os neoclássicos duros, os chamados neoliberais e os 'keynesianos' que foram perdendo a sua concepção original. Eles estão todos de acordo que é preciso ter uma política fiscal austera, um mecanismo de exportação, e, portanto um dinamismo no mercado externo; eles estão de acordo que o câmbio tem que ser flutuante. Não vai voltar nenhum keynesianismo, porque ele só volta se tiver trabalhadores protestando na rua e ameaças de socialismo. É controle total da conta de capitais, não sai nenhum dólar. É preciso acabar com a política de câmbio flexível. Tem que proteger o emprego dos trabalhadores. E, também, tem que ter gastos do estado.

P- Tem alguma iniciativa neste sentido dos países que estão enfrentando e crise mais aguda?

R- Não. Dos países latino-americanos que foram exorcizados até agora, Bolívia, Equador, Venezuela, o que esses países estão fazendo? Controlando o sistema bancário, aumentando a intervenção estatal, fazendo investimentos de custeio baseado no estado, controle da iniciativa privada, acelerando a máquina. E todo mundo dizendo que eles estavam errados. O que todo mundo está fazendo depois da crise? Exatamente o que Chávez, o Evo Morales e o Rafael Correa estão fazendo.

P- E na Europa?

R- Não, na Europa nada. Na Europa eles estão salvando os bancos, passando trilhões e trilhões de dólares dos pobres para os ricos. Isso não caracteriza keynesianismo clássico. O Keynes odiava os banqueiros. Ele disse duas ou três coisas que são essenciais: em 1931, no texto *Inflação e Deflação*: "Os banqueiros têm propensão ao suicídio". "Os banqueiros quando se arruinam, se arruinam de forma tão ortodoxa e profunda que eles se arruinam todos coletivamente para que nenhum possa criticar o outro". "Se arruinam de forma tão profunda que a primeira coisa para salvar o sistema é salvar os banqueiros". Então, um banqueiro racional não existe. A intervenção do estado, controle total sobre essa gente. Tem alguma medida nessa direção? Nenhuma. Mas o Keynes, em 1934 já dizia: "o capitalismo não é belo, não é formoso, não entrega os produtos, nós não apoiamos esse sistema, o sistema



está perdendo crença, etc., mas ele dizia: a alternativa é muito pior, ou seja, o socialismo". O que significava isso? O Keynes só é o Keynes da crítica porque ele tinha um adversário violento que era o socialismo. Esse é o fundamental. Qual é a alternativa agora? Os sindicatos na Europa estão destruídos ou corrompidos pelo sistema. Os partidos políticos de esquerda são inexistentes; os partidos socialistas, os partidos comunistas, e dentro dos Estados Unidos, idem. Durante todo o período de 1929, desde 1926 até 1935, até a hora que Roosevelt chegou e começou a implantar o *New Deal*, os sindicatos dos Estados Unidos faziam greves gigantescas dirigidas pelos comunistas. Era um adversário formidável. Não há nada disso agora. Onde está a alternativa? É a alternativa do nacionalismo revolucionário na América Latina, como na Venezuela, Bolívia e Equador.

P- Então, a alternativa seriam modelos parecidos com os desses países?

R- 'Latinoamericanização', mas ainda assim insuficiente. Agora tem que avançar na integração latino-americana. Tem que buscar a chamada auto-suficiência nacional em escala latino-americana. Os países latino-americanos têm que se unificar agora, porque os países centrais vão passar a conta para nós, com menos comércio, com muito mais protecionismo do que eles já têm. O que já estava acontecendo nos últimos três anos, multinacionais remetendo lucros para os países de origem para cobrir os rombos lá. Esses países estão fazendo isso há três anos. A crise no Brasil é anterior à atual crise. A balança comercial que foi de R\$ 46 bilhões neste ano vai ser de R\$ 22 bilhões. O superávit fiscal baixando, a saída de capitais violentíssima. A coisa está muito difícil, mas aqui está todo mundo anestesiado. A vantagem da crise é essa: rompe a anestesia.

